

## PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA NA ESCOLA PÚBLICA: TEMATIZANDO AS PIPAS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

*Daniel Bocchini<sup>1</sup>*

*Daniel Teixeira Maldonado<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este estudo teve o objetivo de relatar uma experiência desenvolvida no primeiro semestre do ano de 2013, durante aproximadamente os três primeiros meses, sobre a tematização da pipa nas aulas de Educação Física, em uma escola pública do município de São Paulo, localizada na zona norte, no bairro Freguesia do Ó, com os alunos do 7º ano. A escolha desse tema perpassa por dois motivos: o primeiro, ao fato de a sua frequência ser maior no período de férias escolares - como a proposta se deu bem no início do ano letivo, ainda era possível presenciar alguns praticantes; e o segundo motivo se deve à reunião de que todos os professores da unidade escolar participaram, em que foi definido que o tema do Projeto Especial de Ação da escola seriam as manifestações da cultura. Realizamos um mapeamento inicial, a fim de diagnosticar qual conhecimento os alunos tinham sobre essa temática. Assim, verificamos que possuíam a representação de que essa manifestação da cultura corporal era atividade somente para indivíduos do sexo masculino e que estes tinham a fama de ser desocupados, maloqueiros e irresponsáveis. A partir dessas informações, traçamos diversas práticas pedagógicas, que buscaram refletir, questionar, experimentar e compreender tal prática da linguagem corporal. Entre as várias ações, propusemos o conhecimento da história, discussão sobre o preconceito, as gírias dos pipeiros, campeonatos de pipas, riscos em relação ao uso do cerol, produção de pipas e experimentação de empinar. Após a conclusão deste projeto, conseguimos trazer novos significados à imagem dos praticantes da pipa.

**Palavras-chave:** educação física escolar, cultura corporal, pipa.

---

Recebido para publicação em 12/2013 e aprovado em 03/2014.

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu (USJT) e docente da rede municipal de ensino de São Paulo.

<sup>2</sup>Doutorando do Programa Stricto-Sensu em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu (USJT) e docente da rede municipal de ensino de São Paulo.

## INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a constituição da educação física como disciplina escolar apresenta um amplo espectro de fundamentações teóricas. Partindo de variados sentidos e intenções, iniciando com a proposta da formação integral do sujeito iluminista, passando pela concepção dos métodos ginásticos, a expressão da “esportivização”, à “educação do e pelo movimento” e à “saúde renovada”. Em outras palavras, de acordo com Bracht (1999) e Neira e Nunes (2009), pode-se dizer que corpo-retidão, corpo-produtivo, corpo-máquina, corpo saudável, corpo-deserotizado, corpo-eficiente, corpo-dócil e cidadão são termos que personificam sua atuação ao longo dos anos. De certo modo, por mais distantes ou próximas que essas concepções andem, o fato é que todas buscavam e ainda buscam encontrar apenas um caminho: a legitimação da educação física no contexto escolar.

No entanto, a busca por essa legitimação de maneira alguma deve se fundamentar na prerrogativa de ser “a qualquer custo”, incosequente ou acrítica; não se pode permanecer em silêncio frente ao papel monocultural, segregador e discriminatório que caracteriza as aulas de educação física dentro dos muros escolares, pois, quando a prática pedagógica está alicerçada em pressupostos biológicos, psicobiológicos ou motores, contribui-se para que certos grupos sociais que frequentam as aulas, como os deficientes, não habilitados, mulheres, negros etc., tenham seus espaços reduzidos ou negados.

Alguns estudos, como os de Oliveira (2006), Rangel et al. (2006), Cruz e Palmeira (2009), Teixeira (2009), Oliveira e Daólio (2010), Prado e Ribeiro (2010), Santos (2010), Devide et al. (2011) e Bocchini (2012), procuram denunciar essa realidade através de observações sistemáticas de aulas e entrevistas, ambientes pedagógicos que favoreciam a exclusão, autoexclusão, desigualdade, sexismo e preconceito, devido a atividades competitivas, pelo simples fato de ser mulher, ser gordinha, ser menino com gestos e comportamento do gênero feminino, ser negro, ser “grosso”, divisão de turmas etc.

Portanto, as aulas de educação física, há não muito tempo, mais precisamente a partir da década de 1980, têm sido influenciadas pelas ciências humanas e sociais. A entrada desses estudos possibilitou uma compreensão mais integral da área, ou seja, não limitando seu entendimento a apenas pressupostos biológicos. De fato, podemos

considerar que é a partir dessas novas discussões que a educação física começa a considerar dentro do seu referencial teórico questões que visam contemplar a realidade sociocultural dos alunos. Com esse aporte, busca-se trazer para os ambientes pedagógicos espaços que favoreçam a diversidade cultural, superando assim as influências do currículo tradicional da educação e a manutenção de práticas excludentes.

Entre essas novas formas de enxergar a área que vislumbram um ideal mais democrático e crítico, destacamos a teoria advinda dos Estudos Culturais. Segundo Hall (2003), esses estudos tiveram início a partir do séc. XX, em meados da década de 1960 (no chamado período Pós-Guerra), na Universidade de Birmingham (Inglaterra), no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. O interesse pelo tema surgiu a partir da eclosão de diversas manifestações dos direitos humanos, como o movimento estudantil, o movimento das minorias, a emancipação feminina, a liberação sexual e outros. De acordo com Costa et al. (2003) e Neira e Nunes (2011), esse movimento visa intervir na construção de valores e significados mais democráticos, ou seja, objetiva uma forma de educar onde os grupos em desvantagens possam ter seus interesses e conhecimentos reconhecidos e contemplados, mesmo compreendendo o mundo a partir da ótica em que os grupos elitizados, por controlarem os conhecimentos, gostos, comportamentos e linguagem, terminam excluindo pessoas.

Para reverter esse quadro no âmbito escolar e, conseqüentemente, nas aulas de educação física, Moreira e Candau (2003) apontam a reformulação do currículo como um passo importantíssimo, no sentido de garantir uma prática pedagógica em que todos possam ter seu espaço assegurado e valorizado, sobretudo aquelas vozes que por muito tempo foram caladas. Nessa atual configuração, entende-se currículo não como o de antigamente, engessado e impermeável, e sim como uma proposta viva e dinâmica, cujo objetivo é o de formar cidadãos a partir dos interesses e expectativas de quem define o que deve ou não ser ensinado.

Entre as reformulações ocorridas no currículo da educação física, destaca-se a sua inclusão como área da linguagem, ou seja, de acordo com Gonçalves (1999), o ser humano atribui sentido às suas ações, então, através da linguagem, é possível transmitir suas intenções, pensamentos e desejos; nesse sentido, a linguagem

corporal, por meio da gestualidade, se configura numa forma, entre as várias possíveis, de se comunicar e se expressar para os indivíduos.

Voltando mais uma vez a Neira e Nunes (2009), a educação física no ambiente escolar altera seu foco, que até então era no movimento, e agora passa a ser nos gestos, que por sua vez perdem a intenção de atribuir certo ou errado, treiná-los a fim de aperfeiçoá-los, e nem trazer qualquer benefício à saúde. Além disso, os autores seguem dizendo que os gestos representam manifestações da cultura que são expressas através dos jogos, brincadeiras, esportes, lutas, danças etc.; com essa perspectiva, o objetivo das aulas passa a ser possibilitar aos alunos chances de reconhecer, socializar, ressignificar e ampliar os sistemas de significação das variadas culturas por meio da linguagem corporal.

Partindo desse referencial inicial, o presente artigo teve o objetivo de relatar uma experiência de um projeto sobre pipas, a fim de refletir criticamente e ressignificar junto com os alunos essa manifestação da cultura corporal.

## **CAMINHO METODOLÓGICO**

Pretendeu-se relatar uma experiência sobre a tematização da pipa nas aulas de Educação Física em uma escola do município de São Paulo, localizada na zona norte, no bairro Freguesia do Ó, com os alunos do 7º ano. As aulas foram ministradas durante o primeiro semestre de 2013.

Relatos de práticas docentes são registros de atividades realizadas com os alunos, com o objetivo de construir conhecimentos. Neles, deve transparecer a intenção do professor em cada atividade planejada, suas reflexões e observações ao longo do desenvolvimento da experiência. O caminho para alcançar cada objetivo precisa estar claramente expresso, para que os leitores, provavelmente outros professores, possam compreender o trabalho por inteiro. Os resultados alcançados e o modo como cada procedimento foi avaliado, retomado, revisto e refeito também precisam estar explícitos, de modo a propiciar elementos de análise para posterior reflexão e busca de caminhos, na perspectiva da melhoria contínua da educação oferecida na escola (DELMANTO; FAUSTINONI, 2009, p. 9).

## RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Este projeto foi desenvolvido no primeiro semestre do ano de 2013, durante aproximadamente os três primeiros meses. A escolha de tematizar a pipa nas aulas perpassa por dois motivos. Primeiramente, ao fato de sua frequência ser maior no período de férias escolares; como a proposta se deu bem no início do ano letivo, ainda era possível presenciar alguns praticantes. O segundo motivo se deve à reunião de que todos os professores da unidade escolar participaram, também no início de 2013, na qual foi definido que o tema do PEA (Projeto Especial de Ação) da escola trataria das manifestações da cultura.

Com base nas orientações curriculares (São Paulo. Secretaria Municipal de Ensino, 2007), inicialmente realizamos um mapeamento a fim de diagnosticar qual conhecimento os alunos tinham sobre essa temática. Na primeira aula, quando comentei para os alunos que abordaríamos a temática da pipa nas aulas, já foi possível constatar o sexismo que caracteriza essa prática: os meninos ficaram felizes e interessados, enquanto as meninas se olhavam meio desconfiadas e surpresas negativamente. Após o impacto inicial, elaboramos algumas perguntas norteadoras no sentido de criar uma conversa e colher algumas informações que seriam importantes para a elaboração do projeto. Então, percebemos que grande parte dos meninos já havia empinado pipa ao menos uma vez na vida, enquanto poucas e corajosas meninas também disseram ter tido algum contato; quando perguntamos se essa atividade só poderia ser realizada por meninos, grande parte dos alunos, inclusive alunas, se manifestaram, dizendo que sim.

Em relação à imagem das pessoas que empinam pipas, eles diziam que era uma brincadeira só de pessoas mais jovens, e muitos pensam que quem pratica são indivíduos “vagabundos”, “maloqueiros” e “desocupados” etc. Também nesse mapeamento questionamos, para aqueles que tinham experiência, quem lhes havia ensinado a empinar. Obtivemos respostas variadas, como pai, familiares, amigos etc. Quando perguntados sobre os locais onde costumavam empinar as pipas, eles citaram: rua, laje, calçada e praça.

Portanto, a partir dessas informações, começamos a traçar as estratégias de ensino a fim de tentar trazer novas representações sobre essa prática, visto que inicialmente é notável que suas falas estavam

carregadas por uma visão muito limitada e preconceituosa com relação às praticantes.

A nossa primeira ação foi apresentar um documentário aos alunos sobre a história da pipa. Nesse vídeo, conhecemos o país de origem, que, segundo algumas evidências, foi a China. Descobrimos que sua criação teve o objetivo de realizar um sonho do ser humano: voar. Estudiosos afirmam que a partir de sua criação obtiveram condições de, posteriormente, inventar o avião. Também vimos que a pipa contribuiu numa experiência de Benjamin Franklin (1706-1790), que culminou na invenção do para-raios.

Além disso, os vídeos mostraram que em diferentes partes do mundo a pipa assume diversos significados, como: religioso, esportivo e comemorativo, ou seja, extrapola o uso que fazemos em nosso país, onde é reconhecida por ser uma prática lúdica.

Essas informações iniciais surpreenderam todos nós, pois não tínhamos ideia de que a pipa teria essa relevância histórica. Os alunos ficaram empolgados com essas descobertas, e aproveitamos para reconhecer e valorizar esse patrimônio da cultura corporal.



**Figura 1** - Alunos assistindo ao documentário.

Seguindo a proposta, como observamos desde o início do projeto a forte questão sexista relacionada à prática da pipa, questionamos as alunas sobre se já haviam sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação ao empinarem pipa; grande parte delas

acusava os meninos de a chamarem de “maria-homem” e “maria-sapato”. Nesse ponto, intervimos no sentido de esclarecer que em nossa sociedade existem algumas práticas que são exercidas predominantemente por um gênero, como: dança, ginástica e brincadeiras de casinha, boneca e comidinha, no caso das meninas; e futebol, luta, carrinho e pipa, no caso dos meninos. Assim, o fato de uma prática, no caso da pipa, ter o predomínio masculino não quer dizer que a mulher que goste de empinar seja homem. Para ilustrar nossa fala, colocamos um vídeo onde a campeã paulista de pipas, Gisele Alves Bezerra, relata um pouco de sua história e diz que nos campeonatos o seu marido tem a função de produzir as pipas, porém ela é quem empina. Então, discutimos que o fato de a Gisele e outras mulheres gostarem de empinar pipa não as torna um homem; é preciso respeitar a liberdade de as pessoas escolherem o que é melhor para elas, sem ficar julgando.

Nessa questão das representações distorcidas em relação aos praticantes de pipa, perguntei aos alunos se sabiam o porquê de os pipeiros serem rotulados de “vagabundos”, “maloqueiros” e “desocupados”; uma aluna disse que, como a pipa é empinada no meio da rua, as pessoas acabam pensando isso dos seus praticantes. Através dessa perspectiva, propomos uma reflexão no sentido de elucidar que todas as práticas (exemplos: *skate*, *parkour*, patins, *funk*, *hip hop*...) que são oriundas das ruas e das periferias acabam sendo discriminadas; no caso das pipas, por ser mais comum nas comunidades, por acontecer normalmente na rua e pela sua viabilidade econômica, não seria diferente.

Outro ponto que também surgiu na avaliação diagnóstica, ainda na questão das representações, foi a imagem de a pipa ser praticada apenas por pessoas mais novas. A fim de trazer novos significados, encontramos um vídeo que trazia algumas informações sobre os campeonatos de pipas. Essa reportagem discutia justamente essa questão de a pipa ser reconhecida apenas por ser uma prática infantil; nesse campeonato, era divulgado o caráter democrático da pipa, pois homens e mulheres de todas as idades, desde os mais novinhos até os idosos, relatavam seu gosto em empinar pipa. Destacamos uma entrevista com um senhor, em que ele dizia que trabalhava e – assim como há pessoas que gostam de nos finais de semana ir ao parque caminhar, jogar futebol ou assistir um filme – ele gostava de empinar



pipa, ou seja, mais uma vez evidencia a questão de as pessoas terem a liberdade de escolher o que mais gostam de fazer. Durante o mesmo vídeo, os alunos perguntaram onde era o lugar em que as pessoas apareciam empinando nas filmagens. Expliquei que era um local na cidade de São Paulo, no Parque Ecológico do Tietê, conhecido por pipódromo, onde os praticantes podiam empinar suas pipas com segurança, longe dos fios elétricos e dos carros.

Aproveitando a discussão, questionamos os alunos sobre o local onde costumavam empinar suas pipas; eles responderam que normalmente era na rua, laje ou em praças. Então, começamos a comentar sobre os riscos de acidentes que esses lugares poderiam provocar, principalmente na rua e na laje, devido aos carros e fios elétricos, sem contar que, se estivessem empinando com linhas cortantes, conhecidas como cerol ou linha chilena, esse risco aumentaria significativamente. Numa pesquisa realizada na internet, encontramos dois vídeos que decidimos passar para os alunos, com o objetivo de mostrar os reais riscos. O primeiro é um documentário chamado “Por um fio”, produzido pela companhia de energia elétrica da cidade de São Paulo, alertando, em função das férias, sobre o risco de empinar pipa próximo dos fios elétricos. Interessante destacar que, num determinado momento, é contada uma história verídica de um senhor que morreu eletrocutado enquanto estava empinando sua pipa. O segundo vídeo é de uma campanha nacional chamada “Cerol Não”, em que são mostradas imagens de sérios acidentes, alguns fatais, provocados pelo uso de linha com cortante nas pipas. A ideia desses vídeos foi, de certa forma, fazê-los refletir sobre o real risco do uso incorreto da pipa, visto que atualmente o uso de cerol é crime; quando usado de forma irresponsável e em lugares indevidos, apesar de ser uma brincadeira, ele pode causar sérios problemas.

Dando continuidade ao projeto, a etapa seguinte era a produção das pipas. Para facilitar a atividade, dividimos as turmas em grupos de três pessoas e disponibilizamos todo o material necessário (varetas, linhas, papel-seda, cola, tesoura e rabiolas). Durante um intervalo na escola, comentamos com um colega chamado Alexandre, vigia da escola, que não tínhamos experiência em fazer pipas, mesmo depois de pesquisados alguns vídeos que auxiliavam na produção. Coincidentemente, o Alexandre disse que há alguns anos tinha uma lojinha onde vendia pipas; portanto, possuía grande experiência e se



colocou à disposição para ajudar. Além disso, ressaltamos a ajuda de alguns alunos, que sabiam fazer pipa, ajudando outros grupos.



**Figura 2** - Alexandre e os alunos produzindo as pipas.



**Figura 3** - Alunas finalizando a produção da pipa.

Para encerrar o projeto, marcamos algumas aulas onde os alunos poderiam empinar as pipas produzidas por eles; mais uma vez, contamos com a ajuda do Alexandre e dos alunos que tinham facilidade

no trato com a pipa. Muitos comentaram conosco que jamais pensariam que na escola fossem estudar sobre a pipa e ainda poder empinar; foi muito satisfatória a maneira como eles se envolveram em todas as etapas.



**Figura 4** – Alunos na área externa da escola empinando as pipas.

A fim de ilustrar e agradecer a participação de todos os envolvidos, produzimos um cartaz com diversas fotos para retratar todos os momentos do projeto.



**Figura 5** - Mural com as fotos do projeto.

## **DIFICULDADES ENCONTRADAS**

Durante a realização do projeto notamos algumas barreiras que dificultaram certas ações. A primeira que foi em relação à escolha do tema, pois ainda alguns alunos possuem uma visão muito limitada das aulas de educação física e pensam que só devem ser abordados determinados esportes e também só devem ter característica prática; então, por mais que a temática da pipa tenha agradado de maneira geral boa parte da turma, havia alunos que resistiram, não concordando e não participando das aulas.

Uma segunda dificuldade aconteceu no momento de comprar os materiais para a produção das pipas. Não havia todo o material disponível na escola e também não havia verba para adquirir o que faltava; assim, essa parte restante foi financiada por nós professores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a conclusão desse projeto, percebemos que conseguimos trazer novos significados à imagem dos praticantes da pipa, tornando-os mais democráticos. Também levantamos discussões com os alunos sobre alguns assuntos importantes e polêmicos, como o risco do uso de linha cortante; por meio das ações, procuramos possibilitar aos alunos um uso mais responsável da pipa. Notamos uma grande participação por parte dos alunos e pensamos que contribuimos com reflexões que puderam proporcionar maior reconhecimento, respeito e valorização desse patrimônio da cultura corporal.

## **ABSTRACT**

### **PEDAGOGICAL PRACTICE DIFFERENTIATED IN PUBLIC SCHOOL: THEMATIZING KITES IN THE PHYSICAL EDUCATION CLASS**

This study aimed to relate an experience developed in the first half of the year 2013, during approximately the first three months, about the themes of kite in Physical Education classes in a public school in the city of São Paulo, located in the north, in Freguesia do Ó

neighborhood with students of the 7<sup>th</sup> year. The choice of this theme is disregarded for two reasons: first, the fact that their frequency is higher during school vacation - as the proposal did well at the beginning of the school year, it was still possible to witness some practitioners; and the second reason is due to the meeting that all school teachers participated, in which was decided that the theme of the *Especial de Ação* Project school would be the manifestations of culture. We conducted a preliminary survey in order to diagnose what knowledge the students had about this topic. Thus, we verified that they had the representation that this manifestation of corporal culture was an activity only for males and that they had the reputation of being unemployed and irresponsible. From this information, we draw several pedagogical practices, which sought to reflect, question, experiment and understand the practice of body language. Among the several actions, we proposed a knowledge of history, discussion of prejudice, the slang of kites, kites' championships, risks regarding the use of glycerol (wax), production of kites and experimentation of prancing. After the conclusion of this project, we can bring new meanings to the image of kite practitioners.

**Keywords:** school physical education, corporal culture, kite.

## REFERÊNCIAS

BOCCHINI, D. **Identidade e alteridade na prática pedagógica na educação física escolar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, agosto 1999.

COSTA, M.V.; SILVEIRA, R.H.; SOMMER, L.H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003.

CRUZ, M.M. S.; PALMEIRA, F.C.C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

DELMANTO, D.; FAUSTINONI, L. E. Os relatos de prática e sua importância no processo de produção e socialização do conhecimento. In: GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Reorientação curricular do 6º ao 9º ano**: currículo em debate – Relatos de Práticas Pedagógicas. Goiânia: SEE/GO, 2009.

DEVIDE et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1, p.93-103, jan./mar. 2011.

GONÇALVES, M.A.S. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 66, abril 1999.

HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rüdger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-68, maio/jun./jul./ago. 2003.

NEIRA, M.; NUNES, M.L.F. (Org.). **Praticando estudos culturais na educação física**. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

\_\_\_\_\_. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011.

OLIVEIRA, R.C. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 3, p.301-306, set./dez. 2006.

OLIVEIRA, R.C.; DAOLIO, J. Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 149-167, jan./mar. 2010.

PRADO, V.M.; RIBEIRO, A.I.M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-413, abr./jun. 2010.

RANGEL, I.C.A. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 73-76, jan./abr. 2006.

SANTOS, V.C. Índios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 841-852, out./dez. 2010.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

TEIXEIRA, F. A. Educação física escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão. **Motrivivência**, v. 21, n. 32/33, jun./dez. 2009.

**Endereço para correspondência:**

Estrada velha da Penha, 265, bloco 4, apto 41  
03090020 São Paulo SP  
E-mail: danielbocchini@hotmail.com